

**A PROBLEMÁTICA DA  
FORTUNA CRÍTICA DE  
MEMORIAL DE AIRES**

TELES, Adriana da Costa<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *Graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995), mestrado em Literaturas em Língua Portuguesa (2001) e doutorado em Teoria da Literatura (2007) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é professora titular da União das Faculdades dos Grandes Lagos, onde também atua como coordenadora do curso de Letras licenciatura e Letras bacharelado e professora das Faculdades Integradas de Mirassol, Faimi. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria da Literatura, Narrativa Brasileira, Literatura Inglesa e Norte-Americana, atuando principalmente nos seguintes temas: Machado de Assis, crítica literária, narrador, discurso narrativo.*

**RESUMO:** *Memorial de Aires*, último romance de Machado de Assis (1908), possui uma fortuna crítica bastante curiosa. Produzido em um momento considerado delicado na vida de Machado, quando este se encontrava viúvo e doente, *Memorial* foi recebido pela crítica como uma obra decadente e nostálgica, um tom dissonante na produção madura do escritor. Tal concepção crítica cristalizou-se em torno do romance e gerou um discurso previsível e longamente repetido. No entanto, os textos críticos que defendem tal postura frente ao *Memorial* convivem com outros que, ao discutirem o romance, mostram uma concepção bastante diferenciada do texto. Destoando dessa visão tradicional, concebem *Memorial* como expressão do mesmo escritor irônico e astuto de outras obras da fase madura do escritor. Essa fortuna crítica contraditória e inconstante, ao mesmo tempo em que confunde um leitor menos avisado, aponta para diferentes conceitos crítico-metológicos que predominaram ao longo do século XX. O objetivo desse artigo é discutir o caráter contraditório e inconstante dessa fortuna crítica à luz de reflexões sobre o próprio percurso que a crítica literária tomou ao longo do último século.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis; *Memorial de Aires*; Crítica literária.

**ABSTRACT:** *Memorial de Aires*, Machado de Assis' last novel (1908), is a Machado's very particular novel. Written in a very specific period of the author's life, when he was widower and alone, *Memorial* was received by critics as a book of redemption and decadency, a dissonant tone in his mature production. This conception crystallized around the novel and generated a very repetitive and predicable discourse. More modern critics, however, show a different conception of the text, conceiving it as so ironic as other books of Machado's mature fase. The result of these different ways of reading *Memorial* at the same time that can put a reader in confusion, shows different methodological concepts about literary criticism that predominated in the last century. The aim of this article is to discuss these different critical conceptions about Machado's last novel, bringing to light some points about the way literary criticism took in the last century.

**KEYWORDS:** Machado de Assis; *Memorial de Aires*; Literary criticism.

## INTRODUÇÃO

A fortuna crítica de *Memorial de Aires* (1908), romance que encerrou a carreira de Machado de Assis, conta com um dado interessante e que não pode ser ignorado: seu caráter inconstante e contraditório. O pesquisador que frequenta os artigos e ensaios que discutem o romance percebe que dividem espaço concepções diversas a respeito da obra, dispersas em textos datados desde o início do século até os dias atuais, que dividem espaço e muitas vezes confundem um leitor menos avisado.

*Memorial de Aires*, publicado no ano da morte de Machado, foi recebido pela crítica como um texto de redenção e decadência e considerado por muitos como um tom dissonante na produção madura do autor. Escrito em um momento considerado especial da vida do escritor, quando este se encontrava idoso, aposentado e viúvo, *Memorial* foi visto pela crítica que o recepcionou como espelho de suposta solidão e nostalgia dos últimos anos. De acordo com tal concepção crítica, o romance seria uma espécie de homenagem à Carolina, esposa de Machado recém falecida, e o reconhecimento, no final da vida, de que o homem e a sociedade não seriam assim tão passíveis das árduas críticas empreendidas pelo autor em obras anteriores, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, por exemplo.

Tais pressupostos não foram unânimes, apesar da imagem de obra resignada e nostálgica ter-se cristalizado em torno do romance e ainda persistir no imaginário de muitos leitores machadianos. Em meio a uma fortuna crítica que valoriza aspectos biográficos e conteudísticos houve vozes dissonantes, caso de críticos que apresentaram em artigos e ensaios uma concepção da obra que se choca com tal enfoque tradicional. Concebendo o texto literário como uma realidade em que se tecem múltiplas e tensas relações e não como reflexo direto de conteúdos emocionais e subjetivos, tais estudiosos viram a suposta reconciliação e apaziguamento que Machado teria mostrado em sua obra derradeira como algo enganoso.

Diante de uma fortuna crítica diversa e nem sempre convincente sobre *Memorial de Aires*, fica para o pesquisador certa curiosidade em investigar o que teria gerado tal fortuna (ou infortúnio) crítica, o que os críticos em suas diversas e destoantes concepções teriam privilegiado para chegar às suas conclusões e, finalmente, o questionamento: será que a última obra de Machado de Assis pode ser reduzida à visão simplista e ingênua que boa parte dos críticos insistiu em atribuir a ela?

### **MEMORIAL DE AIRES E A CRÍTICA: DA TRADIÇÃO À MODERNIDADE**

O pesquisador que se abre ao contato com a fortuna crítica de *Memorial de Aires* percebe que boa parte dos críticos que discutiram o romance-diário de Machado, princi-

palmente os que o fizeram nas primeiras décadas do século XX, desenvolve um trabalho mais centrado na figura do autor, não se preocupando em ver *Memorial* como um discurso literário em que a pessoa de Machado só poderia existir como pano de fundo ou como um sujeito outro, que difere do sujeito do *Memorial* criado pela linguagem. Tais críticos não percebem Machado como um sujeito distanciado da ficção, pelo contrário, o identificam sem mediações com a personagem. Sob tal perspectiva a obra é tomada como autobiográfica e *Memorial* visto como uma espécie de apontamento pessoal do próprio escritor. É essa perspectiva biográfica e cercada de psicologismos que parece justificar algumas conclusões que ecoam ainda hoje sobre o romance, tais como o de que seria uma homenagem à esposa de Machado, personificada na personagem Carmo.

A esse respeito, Alfredo Pujol, em artigo datado de 1934, afirma: “nestas linhas suaves e ternas, está a miniatura do lar venturoso de Machado de Assis” (1934, p. 334), afirmação que visa a reforçar uma fala anterior: “querendo perpetuar na sua obra o suave perfil de Carolina, procurou velar a querida criatura na ficção de um romance” (PUJOL, 1934, p.330).

Seguem na mesma linha as afirmações de Francisco Araújo Santos, em artigo datado de 1964, “A cosmovisão do Cosme Velho”, publicado em *Letras Hoje*. Santos faz inúmeras aproximações entre a vida de Machado e sua última obra, esquecendo-se de que se trata de uma narrativa ficcional. Diz, por exemplo, que Aires seria um personagem autobiográfico de Machado e que este retratou a esposa Carolina, “seu amor pessoal já golpeado pela morte” (Santos, 1964, p. 93), tanto na figura de D. Carmo, quanto na de Fidélia; esta seria Carolina jovem e aquela a dos 35 anos de casamento. Assim como outros críticos da obra, Santos cria identidades sem nenhuma mediação: “Com relação ao Conselheiro Aires do *Memorial* (personagem auto-biográfico) (...)” (1964, p. 93). É como se a equivalência dessas duas realidades fosse ponto pacífico, um caso resolvido e inquestionável que os parênteses põem em evidência, fechando a questão.

Ao discutir as epígrafes que antecedem o último romance de Machado, Delson Gonçalves Ferreira, em artigo publicado em 1976 no Suplemento Literário de Minas Gerais,

endossa tal tomada da obra. As epígrafes, que são duas cantigas trovadorescas, uma barcarola de autoria de João Zorro, e uma cantiga de amigo de autoria do rei D. Dinis, seriam pretexto para Machado lembrar a esposa, de acordo com o crítico. São palavras de Ferreira: “É essa a intenção do Conselheiro no seu memorial: lançar barcas novas no mar e navegar em busca da amada. Impossível navegação em busca da vida perdida” (1976, p. 6). A partir daí, Ferreira constata que a epígrafe

tem uma ligação direta com a inesquecível D. Carolina (D. Carmo). As barcas novas já estavam no mar, prontas para a grande viagem da eternidade: nem ele, nem ela iriam faltar ao ‘preito que tinham marcado’ (FERREIRA, 1976, p.6).

É relevante dizer que mesmo que Carmo seja de fato uma homenagem à Carolina, como Machado teria afirmado em carta a Mário de Alencar, o romance não pode ser visto como projeção da vida pessoal do escritor, única razão de existir. A personagem Aires não foi tomada, por essa visada crítica, como um sujeito criado pela linguagem, parte de um universo ficcional autônomo e independente. As palavras de Ferreira confirmam isso: “é essa a intenção do Conselheiro no seu memorial: lançar barcas novas no mar e navegar em busca da amada”. Ora, o Conselheiro seria, então, o próprio Machado?

Ocupados com um suposto espelhamento entre Aires e o escritor, tais críticos se guiam pela figura do autor para desenvolver considerações sobre *Memorial*:

vagamente imaginamos um Eu fantasiado de Si Mesmo, a insinuar confidências indiscretas, a dosar ficção e confissão, a costurar pedaços de vivência com o fio da fantasia (MEYER, 1959).

é clara a projeção de Machado de Assis na personagem Aires: trata-se de um auto retrato muito estilizado, porém bastante fiel (TEIXEIRA, 1988, p. 154).

Levados por pressupostos deterministas, tais críticos parecem não ter percebido as diferenças internas no posicionamento do(s) narrador (es) postas em jogo pela enunciação. Os resultados de tal leitura mostram-se duvidosos e passíveis de objeções pelo olhar do crítico contemporâneo, arregimentado agora por uma consciência crítica e de posse de todo um instrumental teórico com que pôde ir operando.

A idéia de que Machado encontrava-se doente e solitário deu origem a outros tipos de comentários críticos sobre a obra que merecem ser resgatados nessa discussão. É o caso de críticas que tendem a ver o texto como um romance decadente e de redenção. Nessa linha, alguns estudiosos chegam a “ver” um escritor, nostálgico e entristecido compondo seu último romance:

no isolamento das Laranjeiras, no Cosme Velho, Machado de Assis, já bastante velho, com sessenta e oito anos de idade, não podendo mais ler, nem escrever à noite, devido ao cansaço de seus olhos míopes, ainda furta aos achaques contínuos o tempo indispensável para consagrá-lo o único consolo que lhe deixou a vida, no lento naufrágio de sua ilusões: a sua arte (...) Está só (MATOS, 1939, p. 273).

Como vemos, a imaginação do crítico reconstitui o que lhe pareciam ser as condições de escrita do romance, os sentimentos que imagina ter envolvido o romancista, as razões pelas quais se entregaria ao ofício de escrever. Aqui, a própria atividade de crítica, para além dos comentários acerca de *Memorial de Aires*, parece distorcida: afinal, de onde parte o crítico para chegar a tais afirmações?

É essa distorção que o leva a colocar num mesmo caminho confuso o sujeito histórico, o sujeito narrador e os sujeitos ficcionalizados pela ficção; o resultado é um homem vago e genérico:

Agora, o homem que fixa o pensamento nas laudas de papel já não tem aquelas escapadas de loucura do Brás Cubas e do Quincas Borba, não sabe mais dar, com a idéia, os saltos vertiginosos da semi-loucura, nem é já o humorista amargo, que ri da humanidade (MATOS, 1939, p. 274).

É importante observar que o crítico se vale de uma linguagem sentimentalista, como se quisesse se aproximar ou ficar impregnado do saudosismo que haveria no próprio Machado. Há de se lembrar que, datado de 1939, esse artigo, assim como outros citados, reflete um estágio da crítica brasileira em que esse componente de emocionalidade ainda está presente, não tendo passado ainda por um processo de amadurecimento que alterou profundamente seus conceitos e a própria concepção de sua tarefa. Linguagem cheia de frases de efeito e de clichês, ela incorpora também o poético de gosto duvidoso, casando-se com o tom emotivo que pretende dar ao texto criticado.

Essa concepção de obra nostálgica e decadente não deixou alguns expoentes importantes de nossa crítica imunes. É o caso de Lúcia Miguel Pereira, importante figura da crítica brasileira, fundamental na formação de uma tradição crítica acerca de Machado, bem como de uma visão seminal da própria literatura brasileira, que, na obra *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, afirma sobre *Memorial*:

a ânsia de conhecer, o orgulho do pensamento – (...) – já não atormentava o velho artista. Agora uma grande conformidade lhe vinha e lhe revelava, na última hora, um dos segredos da vida: a aceitação, a humildade do coração (PEREIRA, 1949, p. 206).

Um aspecto que parece uniformizar tais textos críticos é o que diz respeito aos pressupostos teórico-críticos que orientaram a atividade até as primeiras décadas do século XX. Tais pressupostos apóiam-se, em sua maioria, em aspectos biográficos e psicologismos do autor, originando um tipo de crítica pautada em elementos subjetivos e extra-textuais. São exemplos de tais tendências a crítica biográfica e impressionista, ambas correntes organizadas academicamente e bastante em voga na Europa até o início do século XX. Acreditamos que, no caso dos estudiosos que discutimos, a opção por tais caminhos críticos se faz sem uma adoção consciente por determinada corrente, parecendo mais orientada por tendências praticadas na época, que ecoavam a prática europeia. Isso porque não há menção a pressupostos teóricos em tais artigos, observa-se somente a explanação livre sobre a obra, desprovida de qualquer tipo de amarra teórica, apesar de esta se fazer presente pelo estilo utilizado.

Tal posicionamento para com *Memorial de Aires*, no entanto, parece não se sustentar quando a atividade de crítica volta-se para o próprio texto, desvinculando-o de maneira direta de biografismos, psicologismos ou impressionismos. É o caso de estudiosos que se voltam para o tecido narrativo construído por Machado para buscar soluções de leitura para a obra. Tais trabalhos se diferenciam dos discutidos pelos pressupostos teórico-metodológicos em que se embasam e que parecem determinantes para que uma outra concepção acerca do romance aflore.

## MEMORIAL DE AIRES E AS TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS DA CRÍTICA

O aparecimento e desenvolvimento das ciências humanas e principalmente das ciências da linguagem ao longo do século XX provocaram, como sabemos, uma ruptura na crítica literária. A partir do momento em que se tornou possível delimitar a especificidade da língua, passou a existir também a possibilidade de se dar conta, com o mesmo rigor, de outros fatos da língua. À poética coube o estudo da literatura, concebida, a partir de então, como uma ciência do discurso literário. Há, a partir desse momento, uma nova atitude perante a literatura, atitude esta que consiste em delimitar seu objeto e em descrevê-lo com precisão e coerência. Buscar a singularidade da linguagem literária, concebida como mensagem artística dotada de um funcionamento próprio e diferenciado, passou a ocupar as preocupações de várias correntes críticas.

Os teóricos de análise literária abandonam a idéia de literatura como um dado abstrato e tentam desnudar os processos próprios a esse campo. Ganha destaque, assim, o conceito de literariedade que, segundo Jakobson, serve para especificar “o que faz com que uma determinada obra seja uma obra literária” (JAKOBSON apud Brunel, 1988, p.83). É pelo apego à noção de literariedade que se ligam, por vias diferentes, importantes movimentos teóricos do século XX como o formalismo russo, a escola fenomenológica alemã, o New Criticism americano e o estruturalismo.

As tendências mais atuais da crítica tentam recuperar o sentido latino da palavra texto *\_ tecer \_*, incorporando a noção de estrutura e os conceitos metodológicos avançados por Julia Kristeva. Segundo Brunel, para Julia Kristeva

o texto é um local de trabalho autógeno que consiste em desarticlar a linguagem natural, baseada na representação para substituí-la pela multiplicidade de sentidos que o leitor (ou mesmo o autor) pode gerar a partir de uma cadeia aparentemente fixa (KRISTEVA apud BRUNEL, 1988, p. 90).

Tais orientações teóricas imprimiram nova direção para a crítica, tentada a considerar a autonomia do texto literário. Essa espécie de poder intransitivo da linguagem, como se a demandar

um olhar centrípeto voltado à obra, trouxe conseqüências discutíveis, que não nos cabe problematizar aqui. Importa considerar a mudança de acento no enfoque textual: este se recorta como objeto contra o pano de fundo da realidade extralingüística.

Desse modo, podemos dizer que a tomada do objeto literário tendo como foco principal o texto e a linguagem por meio do qual é tecido é determinante para alguns críticos que vêem *Memorial* de uma maneira que se distancia do olhar tradicional. Para esses, a astúcia machadiana, o discurso resvaladiço e retórico característicos de outras obras de sua fase madura, surge em *Memorial* de maneira sofisticada e cuidadosa, prontos para um jogo de despiste com o leitor. Este, caso não esteja atento às suas regras, será logrado pelo texto. A ironia machadiana faz-se presente, porém de modo astucioso e velado, próprio do bruxo do Cosme Velho.

Um exemplo interessante de tal tomada da obra pode ser visto em "Um aprendiz de morto" (*Vozes*, 1976), de José Paulo Paes, que, provavelmente, chocaria o leitor acostumado com palavras brandas a respeito de *Memorial de Aires*.

Logo nas primeiras considerações que faz sobre a obra, Paes usa adjetivos pouco suaves para caracterizá-la, dizendo, sem nenhum temor de impropriedade, que esse último livro machadiano é "oblíquo e dissimulado". O leitor percebe desde o início da leitura que a visão de Paes difere acentuadamente da visão nostálgica e sentimental expressa por alguns críticos brasileiros, partidários de outras concepções de crítica literária. A análise que o ensaísta desenvolve acerca de *Memorial de Aires* é bastante cuidadosa e atenta a aspectos relativos à construção do discurso machadiano. A consciência da autonomia do texto literário é um dado marcante e primordial na análise desenvolvida por José Paulo Paes, fazendo com que as idéias manifestadas em seu ensaio estejam enraizadas no próprio texto machadiano e não em generalidades subjetivas.

Revelando-se extremamente atento à relação *Memorial de Aires*/leitor, José Paulo Paes assinala que um crítico mais apressado, sem a paciência suficiente para "demorar-se nas obliquidades machadianas" (Paes, 1976, p.494), pode incorrer no erro de ver no *Memorial* o momento de decadência da

carreira de Machado. Sem dúvida, tal alerta parece direcionado a muitas leituras apressadas, esquemáticas, feitas sobre a obra até aquele momento, funcionando como uma espécie de “diálogo” implícito com críticos anteriores. Sem o traquejo necessário para lidar com essa obra singular de Machado, incorrem no erro de julgá-la decadente e nostálgica, ignorando, assim, as ambigüidades do texto de Machado e a linguagem de que ele se vale para construir seus sentidos. Ao contrário dos críticos que acabavam por concluir que *Memorial* é, afinal, uma crônica de saudades, José Paulo Paes vê a obra como uma “fábula fluminense”, título que dá a um dos capítulos finais de seu ensaio. Segundo ele,

Aires elabora, com os conflitos, ilusões, virtudes e defeitos do seu microcosmo fluminense, uma fábula acerca dos desconcertos humanos, fábula irônica a que dá a feição, muito apropriada, de diário, pois que outra forma literária poderia convir melhor àquela implacável fuga do tempo, de que os velhos têm consciência tão aguda? (PAES, 1976, p.503)

É justamente essa consciência tão aguda que possibilita ao narrador Aires a construção do seu diário, tingindo-o de ironia, o que resulta numa “fábula irônica”, no dizer de Paes. Sempre é bom ressaltar, portanto, que a percepção da fuga do tempo não significa necessariamente, como foi apontado pela crítica, apatia ou cumplicidade serena com a velhice. Tal “cumplicidade” pode assumir uma feição moderada (ou diplomática) que, exatamente por isso, solicita do leitor um olhar desconfiado. Se o gênero literário (diário) parece apropriado a uma existência madura que narra a si mesma, conforme o ensaísta afirma, tal adequação não assume a forma de uma estereotípia. O “Memorial” de Aires pouco tem de pacato ou conformado a moldes oficializados de discurso; a “pena da galhofa” não é apenas uma expressão usada por Machado, é também um instrumento que deixa sua marca em todas as suas narrativas, fazendo escorrer as tintas da melancolia e da ironia.

Estratégia de leitura semelhante é a de Alfredo Bosi em “Uma figura machadiana”, publicado primeiramente em 1979 na obra *Esboço de Figura e*, mais tarde (2000), em *O enigma do olhar*. Em seu artigo, Bosi apresenta uma concep-

ção que, naquele momento (fins da década de 70), poderia ser taxada de inovadora a respeito da última obra de Machado de Assis. Mesmo não pretendendo uma análise literária circunscrita ao rigor teórico, o texto de Bosi, com a profundidade de sua lucidez e sensibilidade analíticas, penetra o *Memorial* para desvendá-lo. A ponta fina do compasso do crítico, assim como a do Conselheiro Aires a que ele se refere, se movimenta habilmente para acompanhar os traços do narrador em seu singular ofício de observador atento.

O Autor não concebe o narrador como uma representação de Machado, ao contrário, Aires é visto como uma personagem cujas características são bastante definidas e próprias. E mais. São características que desmentem muito do que se tem dito sobre essa personagem machadiana: serenidade, acomodação, envelhecimento, tolerância... As reflexões de Bosi revelam uma personagem cuja tolerância é pura estratégia que mal oculta mecanismos de disfarce e desvio. Mesmo tomando aspectos como profissão e idade do Conselheiro, estas são analisadas como ferramentas, não tanto para revelar a personagem ou a sociedade em que estaria inserida, mas antes para revelar um modo de narrar que nada tem de sereno ou isento, ao contrário, “o jogo diplomático se complica, pois se dá também no foro íntimo do narrador em primeira pessoa” (BOSI, 2000, p.130). Ou seja, de acordo com Bosi, não há simplicidade ou um estado de coisas “resolvido” graças ao envelhecimento ou maturidade de Aires.

Também discutindo questões relativas ao narrador de *Memorial*, Juracy Assmann Saraiva em seu livro *O circuito das memórias em Machado de Assis* (1993), problematiza a posição deste narrador machadiano e desestabiliza algumas concepções clássicas a seu respeito. Para ela, a posição de Aires enquanto narrador homodiegético o confina às incertezas e dúvidas quanto ao que narra. Aires seria, assim, um prisioneiro da subjetividade, assim como o leitor, e se vale de olhares, palavras e gestos na procura de dados que lhe possibilitem ler as situações. E essa leitura, ao contrário do que a crítica acerca da obra costuma confirmar, não está tingida pela serenidade mas sim pelas tintas da ironia que tur-

vam e burlam da própria compaixão. Leia-se, por exemplo, o seguinte fragmento de *Memorial* citado por Saraiva:

A reticência que aí deixo, exprime o esforço que fiz para acabar esta página em melancolia; não posso, nunca pude. Tristezas não são comigo. Entretanto, em rapaz quando fiz versos, nunca os fiz senão tristíssimos. As lágrimas que verti então, \_ pretas, porque a tinta era preta, \_ podiam encher este mundo, vale delas. (ASSIS, 1976, p. 90)

E mais interessante ainda que este trecho do romance é o comentário que a Autora dele faz:

O sarcasmo que se explicita pela atribuição de cor às lágrimas \_ 'pretas porque a tinta era preta'\_ não só ridiculariza a exacerbação do sentimento de tristeza, como o desnuda da artificialidade, pois decorre de um convencionalismo cuja fonte só pode ser uma visão ingênua. (SARAIVA, 1993, p.172)

Não estaria aí, talvez, também um possível desnudamento da visão ingênua com que muitos são levados a ler sua escrita das memórias no *Memorial*?

## NOSTALGIA OU DISSIMULAÇÃO?

A discussão que empreendemos ao longo dessas páginas parece trazer à tona alguns elementos interessantes que merecem ser resgatados. Primeiramente, a concepção tradicional acerca de *Memorial de Aires*, que a toma como obra apaziguada, decadente e autobiográfica, parece não se sustentar quando a leitura do romance desvincula-se de elementos externos ao texto para voltar sua atenção para os mecanismos de sua construção e para o tecido narrativo. Quando isso ocorre, as críticas baseadas em aspectos biográficos e contedísticos parecem pálidas frente às possibilidades de discussão que o último texto machadiano oferece. As breves considerações de José Paulo Paes, Alfredo Bosi e Juracy Assmann Saraiva que trouxemos para a discussão apontam para isso. Apesar de se configurarem apenas como uma amostra de outra forma de abordagem do último texto machadiano, evidenciam, pelo caráter destoante que a contraposição com visões mais tradicionais proporciona, as artimanhas construtivas de que Machado se vale em *Memorial* e que nada tem de isentas ou conformistas.

É importante observar ainda, que, apesar das diferentes concepções sobre *Memorial* espelharem, de certa forma, um pouco do percurso da crítica literária ao longo do século XX, como já pontuado anteriormente, acreditamos que o cerne da questão parece não residir apenas na não-modernidade do viés crítico. Mesmo se respeitando os postulados metodológicos vigentes na crítica de então, o que parece perturbador, nesses ensaios, é a insensibilidade em se perceber a obra de Machado como objeto artístico dotado de autonomia estética. O que parece predominar nessa tomada do texto em que prevalece o olhar ingênuo que toma a obra como transparente, espelho e não “re-criação” da realidade, é uma concepção de literatura como “produto de” e, conseqüentemente, inserida na teoria do reflexo, segundo a concepção de que a literatura é “invenção” de uma realidade anterior e exterior a ela, sendo determinada por fatores externos. O que cabe ao crítico perceber é que, contrariamente à “invenção da literatura”, é a “literatura de invenção”, para usarmos as expressões de E.M. de Melo e Castro (1984), marcada pela atenção dada ao pólo inventivo ou constitutivo em detrimento do pólo mimético, que deve guiar a reflexão sobre o objeto literário.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. *Memorial de Aires*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1976.
- BOSI, A. *O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 2000.
- BRUNEL, P. e outros. *A crítica literária*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- CAMPOS, I. F. A filosofia de vida na idade senil em *Memorial de Aires*. *Sedes Sapienticie*, São Paulo, v.16, p. 219-229, 1958/1959.
- CASTRO, E. M. M. *Literatura portuguesa de invenção*. São Paulo: Difel, 1984.
- GONÇALVES, D. F. As duas epígrafes do Memorial de Aires. *Suplemento literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, p.6, 15 Maio de 1976.
- MATOS, M. *Memorial de Aires*. In: \_\_\_\_\_. Machado de Assis: o homem e a obra os personagens explicam o autor. São Paulo: Nacional, v. 153. Capítulo 12, p. 273-283, 1939.

MEYER, A. O romance machadiano. Suplemento literário *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 de fev. 1959. Supl..., p.6.

PAES, J.P. Um aprendiz de morto. *Vozes*, Rio de Janeiro, v. 70, n:7, p. 13-28, 1977.

PAULA, M. *Memorial de Aires: também 80 anos. D.O. Leitura*, São Paulo, v.7, n.78, p.3, nov. 1988.

PEREGRINO JÚNIOR. Vida, ascensão e glória de Machado de Assis. In: Peregrino Júnior et al. *Machado de Assis*. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

PEREIRA, L.M. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira. 1949.

PUJOL, A. Sétima conferência. In: \_\_. Machado de Assis. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. Cap. 7, p. 305-342.

SANTOS, F. A. A cosmovisão do Cosme velho. *Letras Hoje*, 17 (01): p. 91-98, 1964.

SARAIVA, J. *O circuito das memórias em Machado de Assis*. São Paulo: EDUSP, 1993.

TEIXEIRA, I. *Memorial de Aires: sondagem da velhice*. In: \_\_\_\_\_. *Apresentação de Machado de Assis*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987. cap. 5, p. 151-153.